



revista cristã
última chamada



Salmos 82

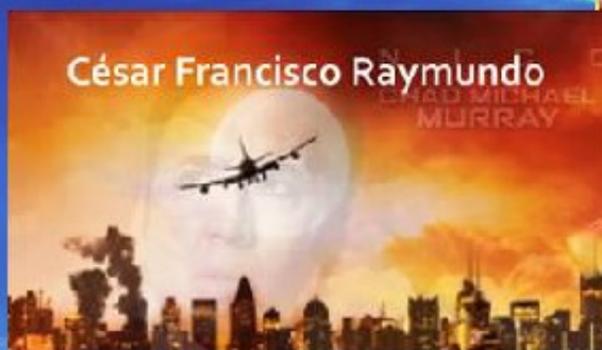
O Conselho Divino dos Deuses,
o Julgamento dos Vigilantes
e a Herança das Nações

César Francisco Raymundo

O últimos dias como você nunca ouviu falar!

César Francisco Raymundo

with
CHRIS MICHAEL
MURRAY



DEIXADOS PARA TRÁS

**Separando a Ficção
da Realidade**

Revista Cristã
Última Chamada

- ▶ Arrebatamento
- ▶ Fim do mundo
- ▶ Guerras
- ▶ Grande Tribulação
- ▶ Milênio
- ▶ Preterismo
- ▶ Pós-milenismo

www.
revistacrista
.org

Salmos 82

O Conselho Divino dos Deuses,
o Julgamento dos Vigilantes
e a Herança das Nações

César Francisco Raymundo



revista cristã
última chamada
- Edição de Maio de 2023 -

Patrocine esta obra!

Colabore com este trabalho que visa reformar o verdadeiro ensinamento sobre a Escatologia (ou fim dos tempos), o qual foi tão suprimido nos últimos séculos. Acima de tudo pedimos que nos ajude com as suas orações, para que possamos continuar a ter vigor para continuar e resistir os desafios de cada dia.

Se você pretende patrocinar esta revista, saiba, nós não prometemos as bênçãos de Deus para você, mas garantimos que você estará abençoando outros que precisam ter nossas literaturas gratuitamente.

Doe via depósito bancário

Banco: Caixa Econômica Federal

Em favor de: César Francisco Raymundo

Agência: 3298

Operação: 013

Conta: 00028081-1

Usufrua gratuitamente do site

Temos perto de mil arquivos de artigos, vídeos e mensagens sobre escatologia em geral. Todos eles divididos em ordem alfabética.

www.revistacrista.org

Contato:

ultimachamada@bol.com.br

contato@revistacrista.org

Salmo 82

O Conselho Divino dos Deuses,
o Julgamento dos Vigilantes
e a Herança das Nações

Autor: César F. Raymundo

Revista Cristã Última Chamada
- Edição de Maio de 2023 -

Capa: César Francisco Raymundo
Imagem da internet

Este e-book é uma paráfrase do livro
*Psalm 82 - The Divine Council of the Gods,
the Judgment of the Watchers & the Inheritance
of the Nations* do autor Brian Godawa,

Revista Cristã Última Chamada publicada
com a devida autorização e com todos os
direitos reservados no Escritório de Direitos
Autorais da Biblioteca Nacional do Rio de
Janeiro sob nº 236.908.

É proibida a distribuição deste material para fins comerciais.
É permitida a reprodução desde que seja distribuído gratuitamente.

Editor
César Francisco Raymundo

E-mail: ultimachamada@bol.com.br
Site: www.revistacrista.org

Maio de 2023
Londrina - Paraná

Índice

Sobre o autor	07
Um <i>O Conselho Divino dos Deuses</i>	08
Dois <i>A Atribuição das Nações</i>	14
Três <i>O Julgamento dos Vigilantes</i>	26
Quatro <i>A Herança das Nações</i>	34
Cinco <i>O fim da Era</i>	47
Bibliografia	56
Obras importantes para pesquisa...	57

Sobre o autor



César Francisco Raymundo nasceu em 02/05/1976 na cidade de Londrina - Estado do Paraná. De origem católica, encontrou-se com Cristo aos treze anos de idade. Na década de noventa passou a ser membro da igreja Presbiteriana do Brasil daquela cidade. Tem desenvolvido diversos trabalhos entre eles livros, folhetos e revistas visando a divulgação da Boa Nova da Salvação em Cristo para o público em geral. Atualmente, se dedica intensamente ao estudo, especialização, divulgação e produção de material didático a respeito do Preterismo Parcial e Pós-milenismo, para que tal mensagem seja conhecida como um caminho verdadeiramente alternativo contra a escatologia falsa e pessimista que recebemos por tradição em nossas igrejas.

Um

O Conselho Divino dos Deuses

De todas as passagens fascinantes que a Bíblia possui, uma delas é a narrativa da triunfante vitória de Cristo sobre as forças poderosas do mal. Quando nos deparamos com essa história, e a entendemos muito bem, a tendência é termos nossas vidas transformadas. Essa experiência nos inspira de uma maneira única.

Definindo a Batalha Cósmica do Messias (Christus Victor)

A batalha cósmica messiânica entre Cristo e os poderes do mal nos afeta diretamente. Essa narrativa é frequentemente chamada de Christus Victor e envolve a ideia de que a queda da humanidade no Jardim do Éden resultou em uma profunda pecaminosidade. O resultado do pecado arraigado gerou contra Deus uma rebelião tal que levou à idolatria universal, como visto na história da Torre de Babel (Gênesis 11).

Por causa da maldade incorrigível do ser humano, o Senhor Deus colocou todas as nações sob a autoridade de outros poderes espirituais, exceto um povo e sua terra: a nação de Israel. Esta nação o Senhor manteve para Si mesmo. As nações gentias e seus deuses

entraram em conflito com a semente messiânica prometida de Israel. Mas quando chegou a plenitude dos tempos, o Messias veio e venceu todos os poderes espirituais das nações e restaurou o domínio da terra sob o reino de Deus.

Deuses ou Homens?

É através do Salmo 82:1-8 que temos uma porta de entrada para a narrativa do Cristo Vitorioso. Esse Salmo resume a estrutura de três atos da história messiânica de partilha, julgamento e herança. Abaixo temos o texto completo do Salmo 82 em toda a sua glória simples e concisa:

“Deus assiste na congregação divina; no meio dos deuses, estabelece o seu julgamento.

Até quando julgareis injustamente e tomareis partido pela causa dos ímpios?

Fazei justiça ao fraco e ao órfão, procedei retamente para com o aflito e o desamparado.

Socorrei o fraco e o necessitado; tirai-os das mãos dos ímpios.

Eles nada sabem, nem entendem; vagueiam em trevas; vacilam todos os fundamentos da terra.

Eu disse: sois deuses, sois todos filhos do Altíssimo.

Todavia, como homens, morrereis e, como qualquer dos príncipes, haveis de sucumbir.

Levanta-te, ó Deus, julga a terra, pois a ti compete a herança de todas as nações”.

No mundo acadêmico há muitos debates sobre a identidade desses “deuses” do conselho divino. Seriam eles juizes humanos que representam a justiça divina ou são seres divinos reais? Alguns teólogos estão convencidos de que eles são a hoste celestial de seres divinos ao redor do trono de Javé. Eles são referidos com o termo técnico “Filhos de Deus”. Abaixo falarei o porquê.

Deuses, não homens

O Salmo 82 usa a palavra hebraica “*elohim*”, que é traduzida como “deuses”. É fato que os cristãos foram condicionados a pensar que a Bíblia diz que não existem outros deuses além de Javé. Mas alguns teólogos afirmam que isso simplesmente não é bíblico. Muitos estudiosos ortodoxos com grande inteligência afirmam que a palavra hebraica para “deuses”, *elohim*, não é uma metáfora e muito menos politeísta. Essa palavra refere-se a seres criados, que são divinos. Nos referimos imprecisamente a eles como “anjos”. A Bíblia os chamam de “os santos” (Deuteronômio 33:2-3; Hebreus 2:2), “exército do céu” (1º Reis 22:19-23) ou “Filhos de Deus” (Jó 1:6; 38:7).

Os dois Testamentos da Bíblia referem-se aos falsos deuses como sendo entidades espirituais demoníacas por trás de sua fachada terrena (Deuteronômio 32:17; Salmos 95:5-6 (LXX – Septuaginta); Salmos 106:37-38; 1ª Coríntios 8:4-6; 10:18-20). Uma vez reconhecendo essa realidade bíblica, não estamos sendo politeístas ou henoteístas. O que acontece é que uma visão do mundo que inclui agentes sobrenaturais além de Javé e “anjos” que interagem com os humanos na história, abre-se diante de nós.

O Salmo 89 é muito claro quando mostra a “assembleia de deuses” como sendo divina, não humana, porque encontra-se nos céus, não na terra.

“Celebaram os céus as tuas maravilhas, ó Senhor, e, na assembleia dos santos, a tua fidelidade.

Pois quem nos céus é comparável ao Senhor? Entre os seres celestiais, quem é semelhante ao Senhor?

Deus é sobremodo tremendo na assembleia dos santos e temível sobre todos os que o rodeiam.

- Salmos 89:5-7

Neste Salmo, é apresentada uma cena celestial na qual uma assembleia de deuses/santos rodeia Javé. O texto diz explicitamente que essa assembleia é como “deuses”. No entanto, coloca a questão da incomparabilidade com Javé, indagando: “Pois quem nos céus é comparável ao Senhor?” A resposta implícita é que nenhum naquela assembleia se compara a Javé. Embora sejam chamados de deuses, não possuem a mesma natureza divina que o todo-poderoso Javé possui. Esta é uma observação presente na Bíblia, que reconhece a existência de outros deuses, mas de uma maneira distinta da divindade de Javé. É verdade que essa ideia pode gerar desconforto entre os cristãos evangélicos, mas deve ser aceita se adotarmos o princípio evangélico da *Sola Scriptura*, no qual a Bíblia é considerada verdadeira, independentemente de nossos preconceitos pré-concebidos.

Exegeta, o que Jesus faria?

Quando o assunto é exegese, é importante considerar o ponto de vista de Jesus. Por isto, em Jesus podemos explorar ainda mais a frase “seres divinos” para uma compreensão mais abrangente. De acordo com a Bíblia, os Filhos de Deus que cercam o trono celestial de Javé podem ser descritos como divinos, caso essa terminologia seja mais confortável para alguns. Sendo Deus em forma humana, o Senhor Jesus utilizou o Salmo 82 para embasar sua própria afirmação de divindade, como registrado em João 10:31-39. Portanto, se até mesmo Jesus, Deus encarnado, interpreta os “deuses” mencionados no Salmo 82 como seres divinos, é importante que concordemos com essa abordagem.

“Replicou-lhes Jesus: Não está escrito na vossa lei: Eu disse: sois deuses?”

Se ele chamou deuses àqueles a quem foi dirigida a palavra de Deus, e a Escritura não pode falhar,

então, daquele a quem o Pai santificou e enviou ao mundo, dizeis:
Tu blasfemas; porque declarei: sou Filho de Deus?

- João 10:34-36

Jesus não foi um juiz humano representativo como os outros juízes israelitas, como algumas teorias sugerem. Essa afirmação seria uma negação de sua própria divindade ao citar o Salmo 82. Na verdade, Jesus estava declarando sua natureza divina. Ele estava dizendo que os Filhos de Deus eram seres verdadeiramente divinos, e não meramente juízes humanos. Ao citar o Salmo 82, seu objetivo era demonstrar que sua própria afirmação de divindade não era blasfema, uma vez que eles mesmos aceitavam a existência de outros seres divinos descritos no Antigo Testamento.

Jó

A cena celestial de um julgamento legal no tribunal não é algo incomum em várias passagens da Bíblia. Essas passagens indicam claramente um contexto onde seres espirituais se reúnem em conselho com o Senhor e executam Seus julgamentos. Um exemplo disso é encontrado no livro de Jó (Jó 1:6 e 2:1). Ali é descrito um relato aparentemente regular dos “Filhos de Deus” (*bene ha Elohim* em hebraico) comparecendo perante o Senhor, juntamente com Satanás como adversário legal na corte celestial.

Satanás atua como um promotor espiritual que busca acusar o justo Jó, alegando que esse patriarca serve a Deus apenas por interesse próprio e financeiro. Todos estamos familiarizados com o desenrolar dessa história. No entanto, o ponto importante para esse argumento é que os Filhos de Deus são descritos em Jó como estando presentes na criação dos céus e da terra, inclusive exultando de alegria (Jó 38:7). Esses não são juízes humanos que existiam antes da criação do homem, mas sim o exército celestial de seres divinos de Deus.

Existem várias outras passagens que descrevem o conselho divino em torno de Deus, onde esses seres celestiais se reúnem com Ele, aconselham-se e executam suas decisões com a devida responsabilidade delegada (1º Reis 22:19-23; Deuteronômio 32:43 LXX; Zacarias 2:13-3:7; Isaías 6:8ss).

No próximo capítulo, veremos sobre a distribuição das nações no tempo da torre Babel e como essa história marca o início da ascensão e queda dos Vigilantes, bem como a herança das nações.

Dois

A Atribuição das Nações

No primeiro Capítulo foi explorado o tema bíblico de Christus Victor, que retrata a vitória de Cristo sobre os poderes espirituais que exerciam domínio sobre a humanidade. Ficou definido o conselho divino como uma assembleia de deuses conhecidos como “Filhos de Deus”, “os santos” e “hostes celestiais”. A Bíblia diz que esses seres ficam em volta do Senhor, participam de conselhos jurídicos com Ele e executam Suas decisões.

Como o ser humano acabou sob o domínio e autoridade desses deuses, esses seres divinos da hoste celestial de Javé? Utilizo o Salmo 82 como uma porta de entrada para desvendar esse enredo fascinante da Bíblia. Vamos revisitar o que o salmo nos revela.

“Deus assiste na congregação divina; no meio dos deuses, estabelece o seu julgamento.

Até quando julgareis injustamente e tomareis partido pela causa dos ímpios?

Fazei justiça ao fraco e ao órfão, procedei retamente para com o aflito e o desamparado.

Socorrei o fraco e o necessitado; tirai-os das mãos dos ímpios.

Eles nada sabem, nem entendem; vagueiam em trevas; vacilam todos os fundamentos da terra.

Eu disse: sois deuses, sois todos filhos do Altíssimo.

Todavia, como homens, morrereis e, como qualquer dos príncipes, haveis de sucumbir.

Levanta-te, ó Deus, julga a terra, pois a ti compete a herança de todas as nações”.

- Salmos 82:1-8

Podemos observar que, por algum motivo, alguns membros do conselho divino receberam de Deus a responsabilidade de governar a humanidade na Terra. Mas isso nos deixa cinco perguntas: De onde isso veio? Por que Deus tomaria tal decisão? Não é Ele o único juiz de toda a terra? E por que Ele culpa esses seres divinos por seu fracasso em governar? Seriam eles anjos caídos?

Para encontrar respostas a essas perguntas, precisamos voltar em Gênesis no momento em que as nações foram atribuídas aos deuses. Essa origem remonta à Torre de Babel. No entanto, antes de nos dirigirmos a história de Babel, devemos examinar o que Moisés revela sobre Babel em Deuteronômio 32.

A Cosmvisão de Deuteronômio 32

O texto de Deuteronômio 32 é conhecido como o Cântico de Moisés. Esse texto aborda a história de Israel e sua posição como nação escolhida por Deus. Nesse cântico, Moisés inicia louvando a grandeza de Deus e, em seguida, exorta o povo a “lembrar-se dos dias antigos” (versículo 7).

“Quando o Altíssimo distribuía as heranças às nações, quando separava os filhos dos homens uns dos outros, fixou os limites dos povos, segundo o número dos filhos de Israel.

Porque a porção do Senhor é o seu povo; Jacó é a parte da sua herança”.

- Deuteronômio 32:8-9

Temos no contexto dessa passagem o incidente da Torre de Babel descrito em Gênesis 11. Esse episódio representa a única referência explícita à “divisão da humanidade” no livro de Gênesis. A humanidade estava em sua rebelião unificada buscando alcançar a divindade por meios ilícitos. Como resposta, Deus confundiu suas línguas, resultando na separação em setenta nações, conforme descrito em Gênesis 10. O episódio da torre Babel levou à formação dessas nações e à distribuição territorial como “herança” para cada povo. Essas nações, em essência, são uma criação divina destinada a proteger a humanidade de autodestruição por meio da busca idolátrica de uma unidade mundial marcada pela iniquidade.

No livro de Atos 17:26, o apóstolo Paulo faz referência à distribuição das fronteiras das nações ao afirmar que Deus “fez de um só homem toda nação da humanidade para viver em toda a face da terra, tendo determinado períodos designados e os limites de suas moradas”. É importante notar que o homem mencionado aqui não é Adão, mas sim Noé, pois a distribuição das nações ocorreu após o episódio da Torre de Babel e não no Jardim do Éden.

No entanto, não é apenas isso. O Capítulo 32 do livro de Deuteronômio afirma que as fronteiras dessas nações foram estabelecidas “conforme o número dos filhos de Deus”. Isso implica que a autoridade tanto geográfica quanto espiritual sobre essas nações estão nas mãos dos filhos de Deus. Essa atribuição contrasta com a atribuição de Javé a Jacó. As setenta nações foram designadas aos filhos de Deus da mesma maneira que o Senhor se atribuiu a nação de Israel, também conhecida como o povo de “Jacó”.

Além disso, o termo “loteamento” é usado de forma intercambiável com “herança” e “doação de terras” na passagem. Na verdade, a herança ou doação de terras é um dos temas principais no Antigo Testamento. Deus prometeu a Terra de Canaã como herança para Israel e suas tribos.

“Assim, tomou Josué toda esta terra, segundo tudo o que o Senhor tinha dito a Moisés; e Josué a deu em herança aos filhos de Israel, conforme as suas divisões e tribos; e a terra repousou da guerra”.

- Josué 11:23

As palavras "distribuição" e "herança" são termos que estão relacionados à propriedade da terra. No contexto mencionado em Gênesis 10, onde são descritas setenta nações, pode-se inferir que o número dos Filhos de Deus deve ser setenta para corresponder a essas nações. Pode-se considerar também a possibilidade de que sejam setenta grupos de Filhos de Deus. No entanto, é importante esclarecer quem exatamente são esses setenta seres divinos escolhidos. Eles não devem ser confundidos com a miríade de "dez milhares" de hostes celestiais frequentemente descritas como estando ao redor do trono de Javé (Deuteronômio 33:2-3; Daniel 7:10). Esses setenta seres divinos são distintos e separados desse grupo numeroso. Apesar disso, o Salmo 82 afirma claramente que eles fazem parte desse conselho divino. Portanto, a identidade precisa desses setenta seres divinos escolhidos permanece um mistério.

Os filhos de Deus mencionados no Salmo 82 são retratados como sendo maus?

A descrição do Salmo 82:3-4 sobre esses seres divinos como é que eles têm a responsabilidade de administrar a justiça entre os povos. Os mandamentos dados por Deus a eles sobre evitar a parcialidade, praticar a justiça e resgatar os fracos são princípios que também são encontrados na Lei e nos Profetas (Deuteronômio 1:16-17; Jeremias 22:3; Provérbios 24:11). Os deuses das nações deveriam governar de acordo com a justiça divina.

Outro Salmo também evidencia a mesma injustiça dos governantes divinos e sua culpabilidade perante a Palavra de Deus.

“Falais verdadeiramente justiça, ó juízes? Julgais com retidão os filhos dos homens?”

Longe disso; antes, no íntimo engendrais iniquidades e distribuíis na terra a violência de vossas mãos.

- Salmos 58:1-2

Uma interpretação superficial tanto do Salmo 82 como do Salmo 58 pode levar à impressão de que esses "deuses" são poderes espirituais benevolentes. Mas não são seres dos quais se confia autoridade, pois Deus não imporia governantes iníquos. E pelo que parece esses governantes falham em exercer sua autoridade com justiça e acabam caindo na escuridão. O resultado é a punição mencionada no versículo 82:7, onde são descritos como “morrer como homens” ou “cair” como qualquer outro governante terreno. Portanto, eles parecem ser seres divinos inicialmente bons que se tornaram maus.

Esses Filhos de Deus herdaram as nações em Babel e governaram essas nações na antiguidade (Deuteronômio 32:8-9; Salmos 82:2-3), mas já eram maus e caídos quando receberam sua herança. A seguir, vou explicar os motivos para essa interpretação.

O paradigma predominante no Antigo Testamento enfatiza a separação da nação de Israel por Javé para ser uma luz para as nações gentias, que eram consideradas como um todo distante de Deus (Isaías 49:6; Salmos 2:1-2). Todas as nações adoravam deuses que não eram o Senhor. Essa visão negativa das nações gentias é reforçada pelo fato de que, até mesmo no período do Novo Testamento, os judeus consideravam a palavra “gentio” como sinônimo de “pecador” (Mateus 5:47; 10:5; 18:17; Atos 4:25-26). Paulo escreve em Gálatas 2:15: “Nós mesmos somos judeus de nascimento e não gentios pecadores”. Portanto, de acordo com a compreensão bíblica, as referências às nações em Gênesis 11, Deuteronômio 32 e Salmo 82 se aplicam genericamente às nações gentias, caracterizadas principalmente pela idolatria.

Em segundo lugar, é importante lembrar que todas as nações que surgiram em Babel eram compostas por pessoas que estavam em rebelião contra o Senhor desde o início. A confusão das línguas e a divisão da humanidade foi um juízo sobre aquela humanidade que buscava a divindade por meio de seus templos pagãos e seus deuses. Portanto, o contexto de Deuteronômio 32:8-10 refere-se à divisão como um julgamento, e não como uma separação neutra.

Em terceiro lugar, no início do livro de Deuteronômio, é esclarecido por Moisés o mandamento de Deus para que o povo não adorasse o exército celestial. Esse exército é descrito tanto como deuses quanto como corpos astronômicos (sol, lua e estrelas). Moisés afirma que esses deuses foram distribuídos entre os outros povos.

“Guarda-te não levantes os olhos para os céus e, vendo o sol, a lua e as estrelas, a saber, todo o exército dos céus, sejas seduzido a inclinar-te perante eles e dêes culto àqueles, coisas que o Senhor, teu Deus, repartiu a todos os povos debaixo de todos os céus.

Mas o Senhor vos tomou e vos tirou da fornalha de ferro do Egito, para que lhe sejais povo de herança, como hoje se vê.

- Deuteronômio 4:19-20

A distribuição dos deuses/exército celestial para os povos pode ser comparada à descrição de Deus "entregando" os pagãos à adoração idólatra da criação, conforme mencionado em Romanos 1:24-28. Por outro lado, o contraste é evidente quando Deus separa Israel para ser um povo destinado à Sua própria herança, conforme mencionado em Deuteronômio 4:20, logo após a distribuição do exército celestial mencionada no versículo 19. Essa distinção reforça o contraste presente na distribuição mencionada em Deuteronômio 32. Assim, esses versículos se referem ao mesmo processo de distribuição da herança.

Fica evidente em Deuteronômio Capítulo 4 que o Senhor não designou as nações para serem governadas por um exército celestial

justo que, depois, acabou caindo devido à aceitação de adoração indevida. Em vez disso, o Senhor permitiu que o exército celestial fosse adorado pelas nações como seus deuses, pois elas já eram idólatras. Ele “entregou” essas nações à sua própria idolatria, permitindo que os falsos deuses governassem seu próprio povo.

À primeira vista, a expressão “todos os povos sob todo o céu” pode parecer incluir todos, inclusive os israelitas. No entanto, o contexto contradiz essa interpretação, quando Moisés afirma: “Mas o Senhor escolheu você (Israel) para ser um povo de sua própria herança”. A expressão “todos os povos debaixo de todo o céu” é contrastada com Israel, não sendo incluída nele.

Uma passagem em Deuteronômio reforça essa ideia de nações pecaminosas associadas a deuses caídos. Em Deuteronômio 29:26, Moisés comunica aos israelitas que, quando eles adentraram a terra de Canaã, eles “foram e serviram a outros deuses, e os adoraram, deuses que não conheciam e que Ele não lhes havia designado”. Assim, Deus distribuiu os deuses caídos do exército celestial às nações gentias de Canaã.

Mas uma pergunta não se cala: Por que o Salmo 82 é interpretado como se esses Filhos de Deus fossem seres justos desde o início? Devo acreditar que não seja o caso aqui em questão. Creio que esteja relacionado ao mesmo princípio presente na entrega da Lei de Deus aos seres humanos. Deus não entregou a Lei a um povo justo, esperando que eles a obedecessem perfeitamente, apenas para que falhassem em alcançar essa justa obediência. Em vez disso, Deus concedeu a lei a um povo que já era pecador, a fim de mostrar-lhes seu próprio pecado e, conseqüentemente, sua necessidade de expiação (Romanos 5:12-14). Da mesma forma, Deus concedeu a esses deuses caídos a humanidade caída para que governassem em sua própria queda. E, assim, a Lei de Deus revelou a injustiça de seu governo.

Não mantenho uma posição dogmática em relação à queda dos Filhos de Deus quando receberam as nações. Apenas argumento que, se eles eram inicialmente justos, devem ter caído rapidamente, talvez alguns anos após o episódio da Torre de Babel. Veja o leitor que a antiga Suméria é a civilização mais antiga que conhecemos após o Dilúvio. Essa civilização já apresentava uma religião sofisticada e altamente desenvolvida baseada no politeísmo idolátrico.

Se uma análise for feita nas primeiras culturas mencionadas na Bíblia após o Dilúvio, veremos que todas elas eram idólatras e praticavam o politeísmo (exemplo: cananeus, egípcios e amorreus, dos quais Deus chamou Abraão (Gênesis 12). Não há evidências históricas ou bíblicas de um período em que líderes espirituais justos governaram ou em que houve uma adoração adequada a Javé após a Torre de Babel. Se tal período existiu, não durou o suficiente para ser considerado historicamente significativo ou ser incluído nas Escrituras.

É bem mais certo que o episódio de Babel tenha evidenciado a incorrigível depravação da humanidade. Após o dilúvio as pessoas persistiram em não adorar ao Senhor. Como resultado, o Senhor os entregou aos falsos deuses que já idolatravam. Considerando que a moralidade é inerente à criação e não é relativa ou subjetiva, até mesmo os anjos caídos que receberam territórios são responsáveis por seu comportamento. Os Filhos de Deus não poderiam alegar que estavam meramente seguindo ordens ou cumprindo a vontade de Deus, como se estivessem enfrentando um julgamento espiritual de Nuremberg que estava por vir (Romanos 9:19-23).

Os Vigilantes: Filhos de Deus designados para as nações gentias

Para uma compreensão melhor é importante considerar um último aspecto do conselho divino: os Filhos de Deus designados para as nações gentias também são referidos com o termo “Vigilantes”. Este termo é atribuído a eles devido à responsabilidade que receberam de vigiar sobre as nações que lhes foram designadas.

O profeta Daniel tem uma visão às margens do rio Tigre, na qual ele testemunha a presença de um “homem” descrito em termos que são normalmente reservados nas Escrituras para seres divinos (Daniel 10:4-7 - conforme visto em Ezequiel 1). Alguns estudiosos até sugerem que poderia se tratar de uma manifestação pré-encarnada de Jesus Cristo.

Esse santo ser divino, então, descreve um cenário de guerra envolvendo “príncipes” celestiais.

“Mas o príncipe do reino da Pérsia me resistiu por vinte e um dias; porém Miguel, um dos primeiros príncipes, veio para ajudar-me, e eu obtive vitória sobre os reis da Pérsia.

E ele disse: Sabes por que eu vim a ti? Eu tornarei a pelejar contra o príncipe dos persas; e, saindo eu, eis que virá o príncipe da Grécia.

Mas eu te declararei o que está expresso na escritura da verdade; e ninguém há que esteja ao meu lado contra aqueles, a não ser Miguel, vosso príncipe.

- Daniel 10:13, 20-21

Nos versículos acima, é possível observar que a concepção de principados e poderes nacionais governando os reinos terrestres persistiu mesmo durante o exílio no tempo de Daniel. As profecias anteriores em Daniel 2 e 7-8 previam a guerra entre a Pérsia e a Grécia, à medida que um reino era substituído pelo outro. No entanto, os “príncipes” mencionados em Daniel 10 não se referem aos governantes terrenos, mas sim às suas contrapartes celestiais.

Havia um principado da Pérsia, um principado da Grécia e o arcanjo Miguel era considerado o principado de Israel.

Pelo que podemos compreender do texto de Daniel, a imagem bíblica retrata os governantes celestiais e terrenos unidos em uma unidade de tal forma que quando havia uma guerra na terra, havia uma guerra correspondente nos céus. De fato, os destinos do céu e da terra estavam interligados. Aqui estão alguns exemplos das Escrituras que reforçam esse tema: durante a época dos juízes, quando Israel lutou contra os reis pagãos de Canaã, a batalha contra Sísera no rio Megido foi descrita no mesmo contexto, abrangendo tanto a perspectiva celestial quanto terrena.

“Vieram reis e pelejaram; pelejaram os reis de Canaã em Taanaque, junto às águas de Megido; porém não levaram nenhum despojo de prata.

Desde os céus pelejaram as estrelas contra Sísera, desde a sua órbita o fizeram”.

- Juízes 5:19-20

A linguagem utilizada para conectar a luta dos reis na terra com a batalha das estrelas celestiais é semelhante. Mais uma vez, é importante ressaltar que as hostes celestiais eram frequentemente consideradas de forma intercambiável com os governantes celestiais sobre a terra. Quando os reis terrenos estavam em guerra, seus deuses designados também estavam em conflito.

Um exemplo sólido dessa equivalência entre os governantes celestiais e terrestres é encontrado na profecia de Isaías, que descreve um julgamento simultâneo dos reis terrestres e de seus governantes celestiais:

“Naquele dia, o Senhor castigará, no céu, as hostes celestes, e os reis da terra, na terra.

Serão ajuntados como presos em masmorra, e encerrados num cárcere, e castigados depois de muitos dias.

A lua se envergonhará, e o sol se confundirá quando o Senhor dos Exércitos reinar no monte Sião e em Jerusalém; perante os seus anciãos haverá glória”.

- Isaías 24:21-23

De onde se tirou a ideia de que esses governantes celestiais são chamados de “Vigilantes”? A passagem de Daniel 4 revela que os Vigilantes são os santos que descem do céu.

“No meu sonho, quando eu estava no meu leito, vi um vigilante, um santo, que descia do céu...”.

“Esta sentença é por decreto dos vigilantes, e esta ordem, por mandado dos santos; a fim de que conheçam os viventes que o Altíssimo tem domínio sobre o reino dos homens; e o dá a quem quer e até ao mais humilde dos homens constitui sobre eles”.

- Daniel 4:13, 17

Os Vigilantes, mencionados anteriormente como “santos” (Deuteronômio 33:2-3; Judas 14), são também conhecidos como o exército celestial (1º Reis 22:19) do conselho divino (Salmo 82:1). Em Jó 5:1; 15:15 eles são seres divinos chamados de Filhos de Deus. Todos esses termos se referem aos mesmos seres celestiais. Embora o termo “Vigilantes” não seja especificamente mencionado em Daniel 10, encontramos referências aos principados que governam as nações, os quais são sinônimos dos deuses governantes/Filhos de Deus/hostes celestiais mencionados nos Salmos 82 e Deuteronômio 32.

Portanto, os Vigilantes são os Filhos de Deus que se rebelaram e caíram. Foram eles que receberam a responsabilidade de governar as nações. Isto tanto em termos de territórios como de pessoas, como sua herança. O assunto do Salmo 82 fala sobre o julgamento desses Vigilantes rebeldes. Creio que esse julgamento ocorrerá em algum

momento futuro (talvez o Juízo Final), embora o momento exato não seja especificamente mencionado nas Escrituras.

Três

O Julgamento dos Vigilantes

Nos capítulos 1 e 2, analisei o Salmo 82 e descobri que ele aborda a presença de uma assembleia celestial de seres divinos ao redor do trono de Deus, que se consultam com Ele e executam Seus julgamentos e decisões. Esses seres são chamados de "santos" (Deuteronômio 33:2-3; Judas 14), exército celestial (1 Reis 22:19), conselho divino (Salmo 82:1) e Filhos de Deus (Jó 5:1; 15:15).

Em seguida, pudemos ver como Deus separou as setenta nações gentias no episódio da torre Babel, colocando-as sob a autoridade dos Filhos de Deus caídos, que agora são também chamados de Vigilantes (Daniel 4:13, 17). Esses seres celestiais deveriam governar com justiça, mas, em vez disso, governaram injustamente e na escuridão do pecado. Como resultado, receberam punição de Deus.

Agora, vamos tentar compreender melhor essa punição com base no texto bíblico.

A Destinação dos Homens

Possivelmente a punição imposta aos Vigilantes resultou na perda de sua imortalidade e na dispersão de suas heranças entre as nações depois de Babel. Vou apresentar um argumento que sugere que essa punição foi efetivamente executada durante uma série de eventos no primeiro século da era cristã, que envolveram a morte, ressurreição, ascensão e o estabelecimento do reino de Deus pelo Messias. Vamos examinar novamente o Salmo 82 para lembrarmos da narrativa.

“Eu disse: sois deuses, sois todos filhos do Altíssimo.

Todavia, como homens, morrereis e, como qualquer dos príncipes, haveis de sucumbir.

Levanta-te, ó Deus, julga a terra, pois a ti compete a herança de todas as nações”.

- Salmos 82:6-8

O primeiro aspecto do julgamento de Deus contra os deuses pode ser encontrado nos versículos 6 e 7. Vemos no texto acima que, aparentemente, a punição imposta a esses deuses é a perda da imortalidade. O resultado é que a morte deles seria assim como a dos seres humanos mortais. Embora fossem deuses dotados de imortalidade, agora enfrentariam a morte como seres humanos comuns.

Surge a questão se essa morte é literal ou metafórica? Se for literal, então o texto sugere que os Vigilantes imortais perderiam sua imortalidade e morreriam como os príncipes da Terra. Isso seria uma humilhação horrível para os príncipes celestiais em relação aos seus equivalentes terrestres. Nesse caso, os deuses estariam sendo despojados de sua imortalidade e, conseqüentemente, de sua divindade. A morte não convém aos seres divinos. Portanto, a morte seria uma punição extremamente grave para tais criaturas.

No entanto, o que exatamente essa morte implica? Eles morrem e vão para o Hades? Eles simplesmente deixam de existir? É nesse ponto que o silêncio do texto bíblico nos incentiva a considerar textos que estão fora do cânon - embora considerados dignos pelo cânon - para buscar respostas a essa pergunta.

O livro de 1º Enoque contém informações que podem fornecer uma compreensão adicional sobre a antiga visão judaico-cristã do destino dos Vigilantes. Como alguns teólogos demonstram o livro de 1º Enoque, o Novo Testamento incorporou muitos elementos desse texto pseudepígrafo relacionados aos Vigilantes da era antiga.

O livro de Judas apresenta uma paráfrase do enredo do livro de 1º Enoque e, posteriormente, cita o versículo 1:9 para descrever o futuro julgamento divino:

“Quanto a estes foi que também profetizou Enoque, o sétimo depois de Adão, dizendo: Eis que veio o Senhor entre suas santas miríades, para exercer juízo contra todos e para fazer convictos todos os ímpios, acerca de todas as obras ímpias que impiamente praticaram e acerca de todas as palavras insolentes que ímpios pecadores proferiram contra ele”.

- Judas 1:14-15 - isto é citado em 1º Enoque 1:9.

Os textos das cartas de Judas 6-7 e 1 Pedro 3:18 fazem uso de elementos encontrados em 1º Enoque para descrever o pecado dos Vigilantes antes do Dilúvio e sua subsequente punição de serem acorrentados no Tártaro “até o julgamento do grande dia”. Ao utilizar referências a esses eventos descritos em 1º Enoque, os escritores do Novo Testamento estão sugerindo que há alguma verdade na história dos Vigilantes. É importante ressaltar que o nível de veracidade do livro de 1º Enoque é objeto de debate. No entanto, para buscar algumas respostas, o uso de 1º Enoque como um recurso legítimo é justificado biblicamente.

O julgamento do fogo

O texto de 1º Enoque Capítulo 10 descreve o destino dos Vigilantes celestiais pré-diluvianos que desafiaram a Deus ao fornicar com mulheres terrenas. Eles são primeiro presos para aguardar seu julgamento. E qual é esse julgamento? A morte. Assim como a punição explicada para os Vigilantes pós-Babel no Salmo 82:7. Então, esse “julgamento de morte” é ainda mais descompactado como envolvendo destruição ardente. Aqui está o texto real de 1º Enoque 10:11-15:

“Todos os filhos dos homens, sua descendência, não perecerão em consequência de todo segredo, pelo qual as Sentinelas têm destruído, e o que eles ensinaram;

Toda a terra tem se corrompido pelos efeitos dos ensinamentos de Azazyel. A ele, portanto, se atribui todo crime.

A Gabriel também o Senhor disse: Vai aos bastardos, aos réprobos, aos filhos da fornicação; e destrói os filhos da fornicação, a descendência das Sentinelas de entre os homens; traga-os e excita-os uns contra os outros. Faça-os perecer por mútua matança; pois o prolongamento de dias não será deles.

Eles rogarão a ti, mas seus pais não obterão seus desejos com respeito a eles; pois eles esperaram por vida eterna, e que eles possam viver, cada um deles, quinhentos anos.

A Miguel, igualmente o Senhor disse: Vai e anuncia seus próprios crimes a Samyaza, e aos outros que estão com ele, os quais têm se associado às mulheres para que se contaminem com toda sua impureza. E quando todos os seus filhos forem mortos, quando eles virem a perdição dos seus bem amados, amarra-os por setenta gerações debaixo da terra, mesmo até o dia do julgamento, e da

consumação, até o julgamento, cujo efeito que dura para sempre, seja completado”.

Esses Vigilantes pré-diluvianos (Sentinelas no texto acima) que fornicaram com mulheres humanas não podem ser os mesmos Vigilantes pós-Babel que receberam as nações, mas seu julgamento de “morte” é o mesmo: a perda de sua imortalidade pela morte. É provável que a morte no Salmo 82 envolva o mesmo fogo de 1º Enoque 10. E esse fogo é posteriormente descrito como a “fornalha de fogo”.

1º Enoque 54:6:

“Então os próprios Miguel, Rafael, Gabriel e Fanuel prenderão [os Vigilantes pecadores] naquele grande dia de julgamento e os lançarão na fornalha (de fogo) que estará queimando naquele dia, para que o Senhor dos Espíritos possa se vingar deles”.

A fornalha de fogo, seja interpretada literalmente ou não, representa de forma categórica o julgamento final e destrutivo de Deus para aqueles seres celestiais. Essa imagem de uma fornalha de julgamento ardente também é utilizada por Jesus em suas parábolas ao descrever o juízo de todos os pecadores e transgressores da lei no fim dos tempos.

Mateus 13:41-42:

“Mandaré o Filho do Homem os seus anjos, que ajuntarão do seu reino todos os escândalos e os que praticam a iniquidade e os lançarão na fornalha acesa; ali haverá choro e ranger de dentes”.

Embora a parábola de Mateus esteja direcionada aos pecadores humanos, não é uma suposição exagerada concluir que os anjos que pecaram e causam pecado também serão incluídos nesse julgamento

pelo fogo. Essa conclusão é reforçada pela descrição de uma fornalha de fogo para os Vigilantes no livro de 1º Enoque.

O apóstolo João no livro de Apocalipse retrata um “lago de fogo” onde a besta, o falso profeta, o diabo, a Morte, o Hades e todos os incrédulos pecadores terão seu fim (Apocalipse 20:10, 15; 21:8). Poderíamos supor que esse lago de fogo é a mesma fornalha de fogo mencionada por Enoque e ensinada por Jesus? As semelhanças e conexões entre essas descrições são tão significativas que negá-las se torna difícil. Ambas são utilizadas para descrever o castigo dos pecadores humanos e dos Vigilantes no fogo, e ambas ocorrem simultaneamente no último dia, no Juízo Final.

É altamente especulativo afirmar que os Vigilantes rebeldes pós-Babel sofreriam a mesma condenação e morte no lago de fogo, assim como os Vigilantes rebeldes pré-Dilúvio e outros pecadores espirituais e humanos. Essa possibilidade pode existir, porém, sugerir o contrário parece ainda mais especulativo.

Apocalipse 20:15; 21:8:

“E, se alguém não foi achado inscrito no Livro da Vida, esse foi lançado para dentro do lago de fogo”.

“Quanto, porém, aos covardes, aos incrédulos, aos abomináveis, aos assassinos, aos impuros, aos feiticeiros, aos idólatras e a todos os mentirosos, a parte que lhes cabe será no lago que arde com fogo e enxofre, a saber, a segunda morte”.

Stoicheia: os Elementos Espirituais

Talvez haja outra sugestão possível sobre a destruição ardente dos Vigilantes na Carta de 2ª Pedro Capítulo 3. A passagem diz:

“Virá, entretanto, como ladrão, o Dia do Senhor, no qual os céus passarão com estrepitoso estrondo, e os elementos se desfarão abrasados; também a terra e as obras que nela existem serão atingidas.

Visto que todas essas coisas hão de ser assim desfeitas, deveis ser tais como os que vivem em santo procedimento e piedade, esperando e apressando a vinda do Dia de Deus, por causa do qual os céus, incendiados, serão desfeitos, e os elementos abrasados se derreterão”.

2ª Pedro 3:10-12

A passagem acima faz referência ao julgamento dos últimos dias, isto é, os últimos dias da Antiga Aliança que terminaram no 70 d.C. com a queda e destruição de Jerusalém (2ª Pedro 3:3). A palavra “elementos”, algumas vezes traduzida em inglês como “corpos celestiais”, é em grego “*stoicheia*”. Alguns intérpretes literalistas acreditam que *stoicheia* refere-se aos corpos astronômicos como o sol, a lua e as estrelas, outros sustentam que é melhor traduzida como “elementos”, como os componentes básicos do universo material representados na tabela periódica. No entanto, ambas as interpretações são perspectivas físicas que refletem nosso viés materialista científico moderno.

Há uma outra interpretação acadêmica que defende uma abordagem espiritual da palavra grega *stoicheia*. Essa palavra é usada apenas mais cinco vezes no Novo Testamento. Em três dessas ocasiões, o contexto refere-se aos “princípios elementares” da Antiga Aliança (Gálatas 4:3, 9; Hebreus 5:12). Nesses casos, a palavra não tem relação com a tabela periódica física dos elementos ou com corpos astronômicos.

Nos outros dois contextos em que ocorre a palavra *stoicheia* (Colossenses 2:8, 20), é utilizada em referência aos princípios fundamentais das cosmovisões pagãs. No entanto, neste ponto, existe

certa ambiguidade. Algumas traduções interpretam *stoicheia* como “elementos espirituais”, pois há razões para acreditar que o termo tem uma conotação espiritual e se refere à submissão das nações aos poderes espirituais. Essa interpretação seria coerente com a visão de mundo apresentada em Deuteronômio 32, que descreve as nações gentias como estando sob a autoridade dos Vigilantes.

Se aplicarmos essa interpretação de *stoichea* ao texto da Carta de 2ª Pedro 3:10-12, podemos observar uma imagem completamente coerente com os textos do Salmo 82, 1º Enoque, Mateus e Apocalipse, como descrito acima. No momento em que o Dia do Senhor chegar, Deus irá julgar e consumir pelo fogo esses poderes espirituais, conhecidos como Vigilantes, que governaram as nações de maneira injusta, juntamente com seus equivalentes humanos.

No entanto, uma pergunta permanece: quando ocorrerá esse julgamento e a morte dos Vigilantes? Quando eles serão lançados no lago de fogo? De acordo com 1º Enoque, isso acontecerá após setenta gerações. O Novo Testamento menciona que isso ocorrerá no fim dos tempos. Mas quando exatamente será isso? Está no nosso futuro ou já ocorreu? A resposta pode ser surpreendente.

Quatro

A Herança das Nações

Nos capítulos anteriores, explorei o Salmo 82 e destaquei seu conteúdo sobre a presença de uma hoste celestial de seres divinos ao redor do trono de Deus. Esses seres, conhecidos como Vigilantes, foram designados como herança para as nações gentias, em contraste com Israel, que era a herança do Senhor. O problema é que essas hostes celestiais governaram suas nações de maneira injusta e a consequência é que esses seres celestiais foram condenados à morte como seres humanos. E, provavelmente, enfrentarão a destruição no lago de fogo e enxofre, a segunda morte.

O ponto que desejo abordar é sobre quando ocorreu esse julgamento dos Vigilantes. Muitos supõem que isso ocorrerá no último dia, em algum momento futuro. No entanto, acredito que o Salmo 82 sugere que isso já aconteceu em nosso passado.

Aqui está o trecho do Salmo 82:5-8:

“Eles nada sabem, nem entendem; vagueiam em trevas; vacilam todos os fundamentos da terra.

Eu disse: sois deuses, sois todos filhos do Altíssimo.

Todavia, como homens, morrereis e, como qualquer dos príncipes, haveis de sucumbir.

Levanta-te, ó Deus, julga a terra, pois a ti compete a herança de todas as nações”.

Os alicerces da terra são abalados

Há, pelo menos, três razões encontradas no Salmo 82 que me levam a concluir que a punição capital dos Vigilantes caídos ocorreu no primeiro século da era cristã, juntamente com a vinda do Messias.

1. O versículo 6 menciona “os alicerces da terra” sendo abalados. Isso se refere à consumação da Nova Aliança que veio através de Cristo, que derrubou a herança de Deuteronomio.
2. O versículo 8 estabelece o contexto do julgamento na ressurreição do Messias, resultando na...
3. ...subsequente herança das nações pelo Messias no primeiro século. Vou explicar cada um deles.

Há uma conexão entre o julgamento dos Vigilantes e a chegada da Nova Aliança que é estabelecida pela frase “todos os fundamentos da terra são abalados” (verso 5). Nos dois Testamentos encontramos essa ideia de abalar os céus e a terra, sendo utilizada figurativamente para descrever a dimensão espiritual de um evento terreno.

Só para citar um exemplo desse uso simbólico, encontramos no livro de Ageu 2:21-22 o profeta sendo instruído a transmitir ao governador de Judá que Deus irá “agitar os céus e a terra e derrubar o trono dos reinos. Estou prestes a destruir a força dos reinos das nações”. Nessa profecia, o abalo dos céus e da terra é explicado como uma metáfora simbólica para a destruição do poder dos reinos. Essa expressão é frequentemente empregada para descrever Deus

derrubando reinos ou estabelecendo uma nova autoridade, conforme encontramos em passagens como Isaías 40:3-5, Habacuque 3:6-7, 9-10, Miquéias 1:3-7, Jeremias 4:23-30, Naum 1:4-6, Salmo 18:6-15 e Juízes 5:4-5.

Assim sendo, certamente a frase “todos os fundamentos da terra são abalados” conecta o contexto do julgamento dos Vigilantes à chegada da Nova Aliança, utilizando uma linguagem simbólica que denota a transformação espiritual e a redefinição do poder e da autoridade divina.

No Novo Testamento, a imagem de sacudir os céus e a terra é utilizada para descrever o impacto espiritual das alianças (lembrando que apesar de Cristo ter instituído a Nova Aliança, os cristãos primitivos estavam vivendo a transição da mudança de Aliança que se consumou no ano 70 d.C. com a destruição de todo o sistema de culto judaico). Em Lucas 3:2-6, essa expressão é também empregada. No entanto, em Hebreus 12, a criação da Antiga Aliança mosaica é figurativamente descrita como Deus “fazendo tremer a terra”, simbolizando a instituição da Nova Aliança que transformará o mundo. A Nova Aliança em Cristo é mencionada como uma perturbação final dos céus e da terra. A instituição do Reino de Deus por meio da Nova Aliança é imutável, ou seja, não será jamais modificada.

Hebreus 12:26-28:

“...aquele, cuja voz abalou, então, a terra; agora, porém, ele promete, dizendo: Ainda uma vez por todas, farei abalar não só a terra, mas também o céu.

Ora, esta palavra: Ainda uma vez por todas significa a remoção dessas coisas abaladas, como tinham sido feitas, para que as coisas que não são abaladas permaneçam.

Por isso, recebendo nós um reino inabalável, retenhamos a graça, pela qual sirvamos a Deus de modo agradável, com reverência e santo temor...”.

A chegada do Reino da Nova Aliança em Cristo trouxe uma transformação espiritual tanto nos céus quanto na terra da Antiga Aliança, com o propósito de substituí-la por uma Nova Aliança superior e eterna. Sempre devemos ter em mente que o conceito de “céus e terra” é uma referência à Antiga Aliança com seu sistema de cultos e sacrifícios de animais. Assim, a menção no Salmo 82:5 de Deus sacudindo os fundamentos da terra refere-se à vinda do Reino e da Nova Aliança associada ao julgamento dos Vigilantes.

Podemos notar que essa conexão entre o Salmo 82 e o livro de Hebreus, capítulo 12, se fortalece ainda mais quando se percebe que Hebreus 12 faz referência a Ageu 2, que profetiza a vinda do Reino e da Nova Aliança.

Ageu 2:6-7:

“Pois assim diz o Senhor dos Exércitos: Ainda uma vez, dentro em pouco, farei abalar o céu, a terra, o mar e a terra seca; farei abalar todas as nações, e as coisas preciosas de todas as nações virão, e encheri de glória esta casa, diz o Senhor dos Exércitos”.

Observe que a última fase desse poderoso abalo dos céus e a terra é a atração das nações, dos gentios, para a habitação de Deus. A Nova Aliança implica na inclusão dos gentios na própria família de Deus. Isso implica que a herança que originalmente pertencia aos gentios, agora é compartilhada pelos Filhos de Deus, pois uma Nova Aliança traz consigo uma nova herança.

Isso nos leva ao próximo aspecto do nosso contexto: a herança das nações.

A Herança das Nações

No último versículo do Salmo 82, é mencionado que o julgamento dos Vigilantes ocorrerá durante o período em que as nações herdarão a terra.

Salmo 9:8:

“Ele mesmo julga o mundo com justiça; administra os povos com retidão”.

É importante observar que a palavra grega para “povos” (ethnos) é a mesma utilizada para “gentios”. As palavras em português que normalmente lemos como "gentios" e "nações" são equivalentes na Bíblia em grego. Biblicamente, um gentio nada mais era do que um membro de uma das setenta nações mencionadas em Gênesis 10, que foram atribuídas aos Vigilantes conforme Deuteronômio 32. Por vezes, usarei as palavras em conjunto, como "nações gentias", para reforçar esse contexto específico ao leitor.

A questão de herdar as nações tem uma conotação messiânica. Segundo as profecias do Antigo Testamento, quando o Messias chegar, Ele não apenas reunirá as casas de Judá e Israel, mas também trará as nações gentias, que geralmente estão excluídas da Aliança, para o seu Reino da Nova Aliança (Zacarias 2:6-11; Oséias 1:10-11, 2:23; cumprido em Romanos 24-29).

Devemos agora lembrar da cosmovisão apresentada em Deuteronômio 32, com a qual iniciamos essa narrativa. Deus distribuiu as nações gentias como uma herança de Seus Filhos celestiais de Deus que se rebelaram (Deuteronômio 32:8-9).

Agora, no Salmo 32, encontramos a afirmação de que Deus herdará as nações. Ou, mais precisamente, o Messias herdará as nações. Deus

removerá a soberania das nações gentias, que pertencia aos Filhos de Deus, e a concederá ao Messias. Sabemos disso porque o Salmo 2 nos revela explicitamente essa verdade.

Salmos 2:6-8:

“Eu, porém, constituí o meu Rei sobre o meu santo monte Sião.
Proclamarei o decreto do Senhor : Ele me disse: Tu és meu Filho,
eu, hoje, te gerei.

Pede-me, e eu te darei as nações por herança e as extremidades da terra por tua possessão”.

Alguns argumentariam que a Ascensão de Jesus como Rei e Sua herança das nações podem não ter ocorrido simultaneamente na história. É possível que Ele tenha sido entronizado como Rei, mas só herde as nações em um momento futuro. No entanto, esses argumentos seriam equivocados e de uma escatologia futurista.

No livro de Atos 13:32-33, o apóstolo Paulo cita o Salmo que diz: “Tu és meu filho, hoje te gerei”, referindo-se à ressurreição de Jesus. Jesus tornou-se o primogênito dentre os mortos e foi declarado como Filho de Deus (Colossenses 1:18). Em Atos 2:30-35, Pedro explica que Deus havia feito um juramento de colocar um dos descendentes de Davi em seu trono, e ele estava profetizando sobre a ressurreição de Cristo. Assim, Cristo foi entronizado como Rei universal no Monte Sião celestial durante Sua ressurreição e Ascensão (Hebreus 12:22-24). De Seu trono Ele possui autoridade sobre tudo, no céu e na terra (Efésios 1:20-22), incluindo os Vigilantes e as nações.

No episódio da torre Babel, o Senhor entregou os povos rebeldes aos ídolos falsos que adoravam. Ele os colocou sob a autoridade dos anjos caídos conhecidos como Filhos de Deus. Esses governantes espirituais exerceram controle sobre os reis e governantes terrenos, e seus destinos estavam interligados. No entanto, o ponto crucial é que

os deuses das nações reivindicavam a posse das terras e do povo dessas nações.

Acredito que uando o Messias morreu, ressuscitou e ascendeu, Ele triunfou sobre esses Vigilantes e recuperou o domínio sobre as nações. Isso possibilitou a disseminação do Evangelho do Reino de Deus por todo o mundo, atraindo pessoas de todas as tribos e nações para o novo Pacto do Reino de Deus.

Para compreender essa narrativa, é necessário observar a declaração do Novo Testamento a respeito da cosmovisão apresentada em Deuteronômio 32.

Os Principados e Poderes mencionados no Novo Testamento

A questão dos principados celestiais sobre os poderes terrenos, que teve início no episódio da torre Babel e foi continuada por Daniel, é retomada pelos escritores do Novo Testamento. Paulo, em particular, faz referências frequentes à conexão celestial/terrena dos principados e potestades.

Em Colossenses 1:16, lemos:

“...pois, nele, foram criadas todas as coisas, nos céus e sobre a terra, as visíveis e as invisíveis, sejam tronos, sejam soberanias, quer principados, quer potestades. Tudo foi criado por meio dele e para ele”.

Ao procurar encorajar os cristãos efésios que estavam sofrendo perseguição pelas autoridades locais, o apóstolo fez isso lembrando-os de que esses poderes terrenos não eram o inimigo final, mas sim

os poderes celestiais por trás deles. Esses poderes eram liderados por Satanás, o “príncipe das potestades do ar” (Efésios 2:2).

Em Efésios 6:12, Paulo diz:

“porque a nossa luta não é contra o sangue e a carne, e sim contra os principados e potestades, contra os dominadores deste mundo tenebroso, contra as forças espirituais do mal, nas regiões celestes”.

Aqui, o apóstolo enfatiza que a batalha espiritual que os cristãos enfrentam não é meramente contra seres humanos, mas também contra esses poderes celestiais malignos.

Esses poderes seriam derrotados e o segredo está no Evangelho, que Paulo chamou de "mistério" que Deus ocultou desses poderes (1ª Coríntios 2:7-8). Esse mistério é a inclusão das nações gentias no Reino da Nova Aliança de Deus por meio de Jesus Cristo. Esse plano redentor de Deus era desconhecido pelos poderes celestiais e foi revelado por meio do Evangelho.

Assim, o Novo Testamento aborda a realidade dos principados celestiais e poderes terrenos, destacando a vitória conquistada por Cristo e o papel central do Evangelho na derrota desses poderes malignos.

Efésios 3:6:

“...a saber, que os gentios são coerdeiros, membros do mesmo corpo e coparticipantes da promessa em Cristo Jesus por meio do evangelho;...”.

Lembre-se de como as nações gentias eram originalmente consideradas a herança atribuída aos rebeldes Filhos de Deus? Lembre-se de como o Messias foi prometido para um dia herdar as nações desses poderes? Bem, a união dos gentios com os judeus no

Corpo de Cristo, a Igreja, representa o cumprimento dessa herança messiânica das nações.

A Igreja é o meio pelo qual a multifacetada sabedoria de Deus é agora revelada aos principados e potestades nas regiões celestiais (Efésios 3:10). Isso significa que, por meio da Igreja, a obra redentora de Cristo alcança até mesmo os poderes espirituais celestiais.

O Senhor Jesus Cristo retomou os direitos territoriais das nações dos poderes celestiais através de Sua ressurreição e Ascensão à direita de Deus. Paulo em Efésios 1:20-22 menciona que Deus operou em Cristo, ressuscitando-o dentre os mortos e fazendo-o assentar-se à Sua direita nos céus. Essa posição exaltada de Cristo está acima de todo principado, autoridade, poder e domínio, não apenas nesta era, mas também na vindoura. Deus colocou todas as coisas debaixo dos pés de Cristo, demonstrando seu senhorio e soberania sobre todas as nações e poderes celestiais.

Desta forma, a autoridade de Cristo sobre todos os poderes celestiais foi estabelecida por meio de sua ressurreição e Ascensão. Sua entronização representa a autoridade legítima de Cristo, retirada dos poderes celestiais.

Mesmo assim precisamos considerar mais. O apóstolo Paulo também revela que a Ascensão de Cristo envolveu uma vitória arrasadora. Ele faz referência a Isaías para ilustrar que, após a Ascensão, Cristo desceu à terra para conceder dons espirituais à Igreja (Efésios 4:7-10, 11-13).

É importante observar que a Ascensão de Cristo é descrita como “levando cativos em seu cativeiro”. Alguns cristãos assumem que se trata de cativos humanos libertos do Hades por meio do sacrifício de Cristo. No entanto, essa frase não se refere a isso. Na verdade, é uma alusão à antiga procissão triunfal romana, em que os vencedores militares desfilavam com seus inimigos conquistados, vivos ou

mortos, pelas ruas da cidade. Era uma maneira de humilhar os vencidos e proclamar a nova autoridade do vencedor sobre os inimigos derrotados.

O apóstolo Paulo afirma que quando Cristo ascendeu em poder, Ele subjugou os deuses que haviam sido conquistados das nações através de caminhos espirituais. Essa interpretação é reiterada em Colossenses, onde Paulo escreveu que, por meio da cruz, Jesus "despojou os governantes e autoridades espirituais, expondo-os publicamente ao desprezo, triunfando sobre eles" (Colossenses 2:15). A aparente derrota de Cristo na cruz resultou em uma surpreendente vitória através de sua ressurreição e Ascensão à autoridade universal.

Os governantes e autoridades espirituais, os filhos de Deus que receberam as nações em Babel, foram finalmente conquistados na cruz e levados como prisioneiros na Ascensão de Cristo ao seu trono sobre todos os poderes e autoridades no céu e na terra.

Retornando ao Salmo 82, essa mesma ressurreição é sugerida como a fonte da herança das nações pelo Messias.

Levanta-te, ó Deus

“Ele mesmo julga o mundo com justiça; administra os povos com retidão”.

- Salmos 9:8

Possivelmente o Salmo 82 seja uma referência abrangente aos eventos complexos que envolvem a morte, ressurreição e ascensão de Cristo. Quando o Salmo diz 'Levanta-te, ó Deus...!', aparentemente é um apelo para que Deus se levante de Seu trono de julgamento e execute ativamente Seus juízos (Salmos 44:26-27; 74:22; 76:9-10). No entanto, acredito que haja um significado mais profundo nisso.

Observando a palavra 'surgir' (anasta) no Antigo Testamento grego, podemos perceber que é a mesma palavra usada para ressurreição no Novo Testamento (Marcos 5:41; Atos 9:40; Efésios 5:14). Portanto, é bem possível que o Salmo 82 faça uma alusão velada à ressurreição de Cristo como o fundamento da herança das nações.

No entanto, vale ressaltar que essa conexão simbólica não vem apenas de minha própria imaginação poética. Ela é baseada nas palavras do apóstolo Paulo. Em Romanos 5, Paulo escreve sobre Jesus e como Sua ressurreição se torna o catalisador que traz os gentios para a salvação, conforme predito por Isaías.

Romanos 15:12:

“Também Isaías diz: Haverá a raiz de Jessé, aquele que se levanta para governar os gentios; nele os gentios esperarão”.

Quando analisamos essa passagem de Isaías citada por Paulo, percebemos uma interpretação ligeiramente diferente do "surgimento". Isaías 11:10-12 diz: "Naquele dia, a raiz de Jessé, que se erguerá como estandarte dos povos, será buscada pelas nações, e o lugar onde ela repousar será glorioso. Naquele dia, o Senhor voltará a estender a mão para buscar o remanescente do seu povo, que for deixado na Assíria, no Egito, em Patros, na Etiópia, em Elão, em Sinear, em Hamate e nas regiões costeiras do mar. Ele erguerá um estandarte para as nações, reunirá os exilados de Israel e reunirá os dispersos de Judá, desde os quatro cantos da terra".

Paulo faz referência ao Antigo Testamento grego aqui, que interpreta o levantamento de um estandarte de batalha como o levantamento de uma pessoa. Paulo afirma que essa pessoa é Jesus, que ressuscitou (anasta). E é a mesma palavra grega, anasta, que é usada na versão grega do Salmo 82:8 ("Levanta-te, ó Deus"). Como estudiosos do Novo Testamento, como N.T. Wright, apontam, o

cumprimento de Cristo "surgindo" para governar as nações (gentios) é um indicador contextual óbvio da ressurreição de Cristo. Portanto, a interpretação que enxerga a ressurreição na declaração "Levanta-te, ó Deus, julga a terra. Pois vocês herdarão todas as nações (gentios)" não só está de acordo com a interpretação apostólica, mas também se alinha aos parâmetros do reino da Nova Aliança do Messias, que traz julgamento e salvação para todos.

A ressurreição de Cristo permeia todo o Salmo 82. É o próprio contexto que resulta na entronização do Messias e em sua herança das nações.

Alguns no meio da Cristandade acreditam que ainda existem Vigilantes com controle territorial sobre as nações e cidades nos dias de hoje, como um "príncipe da Rússia" ou "príncipe da Pérsia" celestial. Essa crença é justificada pelo fato de que muitos países ainda são predominantemente pagãos, ateus ou muçulmanos, e, portanto, sujeitos aos elementos espirituais aos quais o apóstolo Paulo fez referência.

Se essa crença for verdadeira, teremos o problema que isso implicaria que Jesus não triunfou sobre esses poderes em Sua ressurreição (Colossenses 2:15); que Ele não os derrotou e os tornou cativos (Efésios 4:8); que Jesus não está atualmente entronizado à direita de Deus Pai todo-poderoso, acima de todos os principados e potestades (Efésios 1:21); que os Vigilantes não estão sujeitos a Ele (Efésios 1:22); que o Messias não herdou as nações (Salmos 2:6-8); e que os gentios não podem entrar no Reino de Deus porque ainda estão escravizados a esses poderes espirituais (Romanos 15:12). Essas afirmações desafiam as próprias Escrituras, o Evangelho e até mesmo a observação simples.

Não há dúvidas de que as pessoas de diferentes origens étnicas, culturais e linguísticas estão se tornando cristãs por meio do Evangelho. E tudo isso é porque Jesus, o Messias, as libertou. Ele

triumfou sobre todos os poderes e principados, despojando-os de sua autoridade (Colossenses 2:15). O Messias está atualmente assentado à direita de Deus, reinando acima de todas as forças espirituais (Efésios 1:20-21). Ele herdou todas as nações como Sua herança, conforme proclamado nas Escrituras (Salmos 2:6-8). Portanto, os que creem em Jesus não estão mais escravizados a esses poderes espirituais, mas foram libertos e podem entrar no reino de Deus (Romanos 15:12).

É importante compreender que a crença na influência dos Vigilantes sobre as nações atualmente não está em conformidade com a visão teológica predominante baseada nas Escrituras, no Evangelho e na experiência cristã. A obra redentora de Jesus e Sua autoridade é suprema, completa e abrangente. Ele venceu sobre todos os poderes espirituais.

Simplificando, se ainda houvesse os Vigilantes com autoridade sobre os homens, o Messias não poderia atrair pessoas de todas as nações. Os Vigilantes foram deserdados, julgados e executados, conforme previsto no Salmo 82.

No entanto, surge uma questão importante após estabelecer a narrativa de Christus Victor. É sobre a vitória de Cristo sobre os poderes. Se eles foram derrotados na cruz e levados cativos na Ascensão de Cristo, por que o Novo Testamento ainda descreve os cristãos como lutando contra eles? (Efésios 6:12). Isso significa que essa luta contra os Vigilantes das nações continua para nós até hoje? Vamos analisar isso no próximo Capítulo.

Cinco

O fim da Era

Neste e-book foi analisado até agora o Salmo 82 para descobrir a narrativa da vitória de Cristo sobre os poderes dos seres celestiais do mal. Nele, vimos uma reiteração da visão de mundo de Deuteronômio 32 que retratava os Filhos de Deus caídos do exército celestial de Javé sendo atribuídos às nações gentias como uma herança, enquanto Javé mantinha Israel como sua própria herança. Esses Vigilantes sobre as nações eram injustos em seu governo, então o Senhor declarou que os julgaria com a morte por meio da ressurreição do Messias. Assim, Deus retiraria a porção dos Vigilantes e a daria ao Messias, Jesus Cristo, para herdar as nações.

Uma vez que Jesus triunfou sobre os poderes espirituais na cruz e depois os levou cativos em uma procissão triunfal de estilo militar, então como é que o Novo Testamento fala de uma luta contínua com esses principados e poderes celestiais na vida do cristão? Esses poderes territoriais ainda são um problema para nós hoje?

Os principados e potestades não são um problema para nós hoje, eles, de fato, foram uma preocupação nos dias de Paulo. Quando Paulo escreveu suas cartas no Novo Testamento, a vitória de Cristo havia sido estabelecida legalmente na cruz, ressurreição e Ascensão. No entanto, essa vitória só foi consumada historicamente na

destruição do templo em Jerusalém, que representava a Antiga Aliança, no ano 70 d.C. Essa destruição marcou a conclusão histórica da verdade espiritual que havia sido iniciada uma geração antes. O apóstolo Paulo estava escrevendo durante um período de transição entre as Alianças – o qual já falei anteriormente. O novo Pacto havia sido inaugurado espiritualmente, mas ainda não tinha sido totalmente estabelecido historicamente, pois o antigo Pacto ainda não havia desaparecido com a destruição do templo físico (Hebreus 8:13; 9:8-9).

Assim, os poderes espirituais perderam seu direito legal sobre as nações gentias durante uma série de eventos que culminaram com a Ascensão de Jesus Cristo. No entanto, seu julgamento final ocorreu quando a consumação do destino das nações aconteceu no final da Era da Antiga Aliança, simbolizada pela destruição do templo.

Infelizmente, muitos cristãos aprenderam que o fim dos tempos, também conhecido como os "últimos dias", se refere ao fim do mundo físico. E justamente por causa desse entendimento errado, quando Jesus fala sobre lançar os pecadores na fornalha de fogo no fim dos tempos, eles entendem que isso ainda não aconteceu. No entanto, o livro de Isaías indica que a herança dos gentios ocorrerá nos "últimos dias".

Isaías 2:2

“Acontecerá nos últimos dias que o monte da casa do Senhor se firmará como o mais alto dos montes e se elevará por cima dos outeiros; e todas as nações afluirão a ele...”.

É bom que fique claro que o julgamento dos Vigilantes mencionado no Salmo 82 ocorre em conexão com a herança dos gentios, que na verdade teve início no livro de Atos e foi concluída no ano 70 d.C. com a destruição de Jerusalém e seu templo. Os "últimos dias" ocorreram no primeiro século e foram os últimos dias

da Antiga Aliança, não representando o fim dos tempos de todo o Planeta Terra.

O livro de Atos dos apóstolos e a herança das nações gentias

No Capítulo 2 do livro de Atos dos Apóstolos, encontramos a narrativa da primeira manifestação do Evangelho com o primeiro batismo no Espírito Santo. Isso foi exatamente o que Jesus havia prometido para os discípulos, que os capacitaria a levar as Boas Novas a todo o mundo (Atos 1:4). O dia de Pentecostes marcou um momento histórico de inauguração da Nova Aliança celestial, alcançada através da morte, ressurreição e Ascensão de Cristo. Foi o momento em que o Espírito de Deus foi derramado sobre o seu povo, cumprindo assim as profecias do Antigo Testamento (Isaías 32:12-19; 44:5; Ezequiel 36:25-28; 37:14).

Os primeiros discípulos perguntaram a Jesus se aquele era o momento em que Israel seria restaurado (Atos 1:6). Jesus explicou que a restauração ou reunificação de Israel começaria quando o Espírito Santo viesse sobre eles. E isto seria em breve.

Essa restauração através do derramamento do Espírito de Deus era a reunião dos judeus de todas as partes conhecidas da terra, em uma ressurreição espiritual metafórica (Ezequiel 37). Portanto, quando os discípulos foram batizados com o Espírito Santo no Pentecostes e começaram a falar em línguas estrangeiras, isso foi o cumprimento da promessa do derramamento do Espírito de Deus, a qual claramente se cumpriu nos “últimos dias”: “E acontecerá nos últimos dias, diz o Senhor, que derramarei do meu Espírito...” (Atos 2:17).

O dia de Pentecostes também marcou o início da congregação dos judeus, pois "havia em Jerusalém judeus piedosos de todas as nações

debaixo do céu" (Atos 2:5). A lista das nações mencionadas encontra-se em Atos 2:9-11. Essa é uma amostra representativa das setenta nações de Gênesis 10, as mesmas nações que foram atribuídas como herança aos Vigilantes.

No entanto, essas setenta nações também eram consideradas "todas as nações" para as quais os judeus foram dispersos (Amós 9:9). A dispersão das tribos de Israel foi descrita como sendo absorvida pelas nações (Oséias 8:8). Na verdade, as tribos de Israel se misturaram tanto com as nações gentias que, para os judeus da diáspora, o retorno a Jerusalém e a conversão ao Messias representavam as nações sendo atraídas para o reino da Nova Aliança de Deus. De acordo com o evangelista Lucas, o Pentecostes não apenas reuniu as tribos de Israel, mas também marcou o início da inclusão das nações.

O Pentecostes não foi somente o início da reunião dos judeus dispersos, mas também a recuperação das nações divididas. Pentecostes foi a ruína tanto do exílio quanto de Babel.

O estudioso Michael Heiser escreveu sobre esta conexão de Pentecostes com Babel e o Exílio:

“Existem dois termos-chave em [Atos 2] que o conectam de volta a Babel de maneira inconfundível. As línguas flamejantes são descritas como “divididas” (grego: *diamerizo*), e a multidão, composta de judeus de todas as nações, teria sido “confusa” (grego: *suncheo*).

O segundo termo, *suncheo* (v. 6), é a mesma palavra usada na versão Septuaginta da história de Babel em Gênesis 11:7: “Venham, desçamos e confundamos [Septuaginta: *suncheo*] a língua deles ali”. A multiplicidade de nações representadas no Pentecostes é outro elo com Babel. Cada nação tinha uma língua nacional. Mais importante, todas as nações mencionadas em Atos 2:9–11 foram deserdadas por Javé quando foram divididas.

A outra palavra importante (diamerizo; v. 3) também é usada na Septuaginta, mas não em Gênesis 11. Ela é encontrada exatamente onde se esperaria se alguém estivesse pensando em termos cósmico-geográficos - Deuteronômio 32:8 (Septuaginta: “Quando o Altíssimo dividiu [diamerizo] as nações, quando dispersou a humanidade, fixou os limites das nações”). Esta é uma forte indicação de que Lucas está se baseando na Septuaginta, e especificamente na história da Torre de Babel em Gênesis 11 e Deuteronômio 32:8–9, para descrever os eventos de Pentecostes”.¹

A herança das nações teve um envolvimento e reunião dos gentios com os judeus que podemos ver ao longo de todo o livro de Atos. Nas seguintes passagens podemos notar que o evangelismo de Atos é o próprio cumprimento da promessa de reunir os gentios com os judeus como seu povo:

Atos 15:13-19:

“Depois que eles terminaram, falou Tiago, dizendo: Irmãos, atentai nas minhas palavras: expôs Simão como Deus, primeiramente, visitou os gentios, a fim de constituir dentre eles um povo para o seu nome.

Conferem com isto as palavras dos profetas, como está escrito:

Cumpridas estas coisas, voltarei e reedificarei o tabernáculo caído de Davi; e, levantando-o de suas ruínas, restaurá-lo-ei.

Para que os demais homens busquem o Senhor, e também todos os gentios sobre os quais tem sido invocado o meu nome, diz o Senhor, que faz estas coisas conhecidas desde séculos.

Pelo que, julgo eu, não devemos perturbar aqueles que, dentre os gentios, se convertem a Deus...”.

Atos 26:23:

“...isto é, que o Cristo devia padecer e, sendo o primeiro da ressurreição dos mortos, anunciaria a luz ao povo e aos gentios”.

Durante a "reunião" entre gentios e judeus, a base fundamental foi a união na Fé de que Jesus é o Messias prometido. O profeta Isaías previu que, quando o Messias viesse pela primeira vez como o descendente de Jessé, nesse mesmo dia, o Senhor reuniria o restante do seu povo de todas as nações. "Naquele dia", a raiz de Jessé seria "elevada" (ressuscitada) como um sinal para todas as nações, e ele reuniria os exilados de Israel e os dispersos de Judá dos quatro cantos da terra (Isaías 11:1-2, 10-12). Nesse dia, marcado pela chegada e ressurreição do Messias, ele atrairia tanto o remanescente de Israel quanto os crentes gentios. Paulo fez uma comparação entre essa elevação como sinal e a ressurreição de Cristo, confirmando assim o cumprimento dessa promessa de Isaías durante o seu ministério.

Romanos 15:8-9, 12:

“Digo, pois, que Cristo foi constituído ministro da circuncisão, em prol da verdade de Deus, para confirmar as promessas feitas aos nossos pais; e para que os gentios glorifiquem a Deus por causa da sua misericórdia, como está escrito: Por isso, eu te glorificarei entre os gentios e cantarei louvores ao teu nome”.

“Também Isaías diz: Haverá a raiz de Jessé, aquele que se levanta para governar os gentios; nele os gentios esperarão”.

O apóstolo Paulo afirmou que as promessas feitas aos patriarcas foram confirmadas na ressurreição de Jesus Cristo. Paulo destacou que essas promessas incluíam não apenas o reagrupamento de Israel, como mencionado em Atos 3:24, 32, 15:13-15, 24:24 e 26:6, mas também a inclusão dos gentios como parte dessa promessa.

O apóstolo também argumentou que, de acordo com as profecias, a coligação do remanescente de Israel com os gentios já estava ocorrendo em seus dias, ao invés de ser algo reservado para um futuro distante. Ele citou especificamente a profecia de Isaías para respaldar essa afirmação.

Os Últimos Dias da Antiga Aliança

O apóstolo Pedro pregou um sermão sobre como esse batismo do Espírito Santo significava que eles estavam vivendo nos últimos dias conforme o profeta Joel descreveu. Estava perto o tempo em que o “Dia do Senhor” estava chegando para Israel. Aquele Dia do Senhor foi a destruição de Jerusalém e do templo no ano 70 d.C.. Este deve ser o caso porque Pedro afirma claramente que os “últimos dias” e o “Dia do Senhor” profetizados pelo profeta Joel estavam sendo cumpridos em naquela geração, e não em um futuro distante (Atos 2:16).

A declaração de Pedro é de fato a afirmação mais explícita de que os “últimos dias” mencionados por Joel foram cumpridos em seus dias. Portanto, mais uma vez afirmo, os “últimos dias” não são os últimos dias do Planeta Terra.

O trecho de Joel que o apóstolo Pedro também mencionou é uma antecipação do Dia do Senhor. Muitos cristãos tendem a interpretar o Dia do Senhor como um evento de julgamento global relacionado ao fim dos tempos, o Juízo Final. No entanto, a Bíblia não se refere a ele dessa forma. Na verdade, o termo "Dia do Senhor" é utilizado para descrever uma variedade de julgamentos locais que Deus realiza sobre nações, povos ou cidades (Sofonias 1:7-15; Isaías 13:6-19). O Dia do Senhor mencionado em Atos 2 não se trata de um julgamento universal abrangendo todo o mundo, mas sim um julgamento localizado realizado por Deus em nível nacional. A cidade ou povo que seria alvo desse próximo Dia do Senhor segundo as palavras Jesus é Israel, juntamente com sua cidade e templo em Jerusalém (Mateus 23:37-24:2; 21:37-45; 22:1-9; Lucas 19:41-44).

Jesus disse que o Dia do Senhor para Israel ocorreria durante a sua própria geração. Ele o chamou de "dias de vingança", quando

"haveria ira sobre o seu povo". Naquele Dia do Senhor, Javé utilizou os romanos como instrumento para destruir a cidade e o templo no ano 70 d.C., como consequência de a nação judaica, como um todo, não ter reconhecido o "tempo da visitaçã" do Messias, Jesus Cristo (Lucas 19:43-44; 21:20-24).

As profecias apontavam que o Messias chegaria nos últimos dias da Antiga Aliança para trazer a Nova Aliança que a substituiu. A nova Era messiânica pôs fim às Eras anteriores. E o evento histórico que marcou o fim daquela Era da Antiga Aliança foi a destruição do templo e daqueles que se recusaram a abandoná-lo em favor de Cristo.

Os apóstolos tinham plena consciência de que estavam nos últimos dias em sua geração, também conhecido como o fim dos tempos (Hebreus 1:1–2; 9:26; 1ª Coríntios 10:11). Sobre isto, o teólogo Brian Godawa escreveu:

“O Novo Testamento afirma explicitamente que o primeiro século foi os últimos dias, o fim dos tempos. O sacrifício de Jesus na cruz marcou o propósito daquela era. Sua morte e ressurreição marcariam a chegada da era messiânica que os judeus de todos os lugares esperavam.

A era messiânica havia chegado. A era da velha aliança estava desaparecendo e desapareceria quando seu símbolo, o templo terrestre de Jerusalém, fosse destruído dentro de uma geração após a escrita do Novo Testamento (Hebreus 8:13; 9:9-8-9; 10:9). Portanto, os últimos dias não poderiam ser os últimos dias de toda a terra, mas os últimos dias da velha aliança, o fim da era da velha aliança”.²

Tendo este entendimento sobre os últimos dias, os últimos dias de Isaías 2 começa fazer mais sentido. O Messias veio nos últimos dias do Velho Testamento para revelar a montanha do reino de Deus

(Daniel 2:44-45), que agora acolhe os gentios que antes estavam sob a autoridade de um Vigilante (Isaías 2:2-4).

A profecia de Daniel predisse a vinda do Messias durante os tempos do Império Romano. Essa vinda é como uma pedra angular celestial para estabelecer um Reino que prevaleceria sobre todos os outros reinos e se tornaria uma montanha que preencheria a Terra toda (Daniel 2:35, 44-45). Jesus é essa Pedra, vindo durante o tempo da Roma antiga (Atos 4:11), e Seu Reino foi estabelecido no primeiro século da Era cristã (Mateus 12:28). Atualmente, esse reino continua a crescer e se espalhar pela Terra, conforme profetizado por Daniel (Mateus 13:31-33).

Em relação ao Salmo 82, a interpretação é a seguinte: os "Vigilantes" receberam as nações gentias durante sua antiga rebelião, enquanto Deus manteve Israel como Sua herança especial. No entanto, nos últimos dias da Antiga Aliança, o Messias veio para reivindicar essa herança. Sua ressurreição, morte e Ascensão ao lado de Deus foram Sua entronização, capacitando-O a derrubar os "Vigilantes" e restaurar Seus direitos territoriais sobre as nações gentias. Ele agora está reunindo Seu remanescente de judeus de todas as nações, proclamando o evangelho de Seu reino da Nova Aliança. No entanto, essa inauguração espiritual do reino só foi completamente realizada historicamente quando o antigo templo da Aliança em Jerusalém foi destruído. A Nova Aliança agora inclui os gentios, não mais escravos dos poderes, e eles são atraídos para o Monte Sião celestial, a Nova Jerusalém, que é o Corpo de Cristo.

Em resumo, não há mais Vigilantes territoriais que exercem poder maligno sobre as nações, pois Cristo os derrotou em Sua primeira Vinda, recuperou Sua herança e os julgou, despojando-os da imortalidade e possivelmente lançando-os no lago de fogo. Isso ocorreu no primeiro século da Era cristã, quando a Antiga Aliança, que incluía a porção dos gentios, foi completamente abolida com a destruição do templo da Antiga Aliança no ano 70 d.C.

Bibliografia

1. Michael S. Heiser, *The Unseen Realm: Recovering the Supernatural Worldview of the Bible*, First Edition (Bellingham, WA: Lexham Press, 2015), 298.
2. See “Chapter 9: End of the Age/Last Days,” Brian Godawa, *End Times Bible Prophecy: It’s Not What They Told You* (Embedded Pictures, 2017), 70-80.

Obras importantes para pesquisa

Faça download de nossos outros títulos em

www.revistacrista.org

